



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ  
FACULDADE DE MATEMÁTICA**

**ANDREIA DE PAULA FERREIRA BACHA  
JOSÉ MIGUEL BORGES**

**PERFIL DOS PROFESSORES DE MATEMÁTICA E  
SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO  
GRUPO ESCOLAR DOM ROMUAL DE SEIXAS**

**Cametá**

**2014**

**ANDREIA DE PAULA FERREIRA BACHA**

**JOSÉ MIGUEL BORGES**

**PERFIL DOS PROFESSORES DE MATEMÁTICA E  
SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO  
GRUPO ESCOLAR DOM ROMUAL DE SEIXAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Matemática da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do grau de Licenciado Pleno em Matemática, orientado pelo professor Dr. Osvaldo dos Santos Barros.

**Cametá**

**2014**

**ANDREIA DE PAULA FERREIRA BACHA**

**JOSÉ MIGUEL BORGES**

**PERFIL DOS PROFESSORES DE MATEMÁTICA E  
SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO  
GRUPO ESCOLAR DOM ROMUAL DE SEIXAS**

Data da apresentação: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014.

Conceito: \_\_\_\_\_

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. Osvaldo dos Santos Barros - Orientador

---

Prof. \_\_\_\_\_ - Examinadora

---

Prof. \_\_\_\_\_ - Examinador

A nossa família e a todos que me incentivaram e apoiaram durante a trajetória do curso de Matemática.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela vida que nos deu

À Universidade Federal do Pará pela oportunidade de realizar um curso superior.

Aos colegas de curso pela ajuda e amizade durante o curso de graduação.

Colocar nome das professoras e do gato

## RESUMO

O presente trabalho trata do registro das memórias de práticas de ensino de matemática no Grupo Escolar Dom Romualdo de Seixas (GEDRS), no período das décadas de 1960 e 1970, com o propósito de traçar um perfil dos educadores e levantar registros das possíveis interações entre conteúdos disciplinares e as práticas culturais próprias de homens e mulheres do baixo Tocantins. Para desenvolver nossa pesquisa, partimos do uso de entrevistas semiestruturadas, com base na história oral dos educadores, além de tratarmos da história do ensino nos grupos escolares no Brasil. Para cumprir nosso objetivo geral, levantamos pesquisa documental, bibliográfica dos registros das práticas metodológicas dos professores do GEDRS da década de 1960 e 1970, além de analisar os registros de atividades escolares dos professores que atuaram no GEDRS nas décadas de 1960 e 1970, para identificar traços de contextualização das práticas culturais do baixo Tocantins; procuramos, também, analisar o processo de gestão da disciplina Matemática, a partir da leitura e análise dos planejamentos, avaliações, cadernos de atividades e diários de classe. Para a obtenção dos registros da história oral de educadores, entrevistamos cinco professoras, sendo que uma delas foi aluna no período que investigamos e a partir da sua fala, confirmamos muitas das atividades descritas pelas demais professoras.

**Palavras-Chave:** História do Ensino da Matemática, Grupos Escolares, Escolas de Cametá.  
História oral.

## **LISTA DE SIGLAS**

GEDRS – Grupo Escolar Dom Romualdo de Seixas

Vejam as siglas que estão pelo trabalho e coloque aqui.

## LISTA DE IMAGENS

Veja cada imagem e coloque os nomes aqui

Qualificação	Descrição	Página
Figura 1	1º Passo de construção do Tangram	23
Figura 2	2º Passo de construção do Tangram	23
Figura 3	3º Passo de construção do Tangram	23
Figura 4	3º Passo de construção do Tangram	24
Figura 5	4º Passo de construção do Tangram	24
Figura 6	4º Passo de construção do Tangram	24
Figura 7	5º Passo de construção do Tangram	25
Figura 8	6º Passo de construção do Tangram	25
Figura 9	Peças do Tangram	25
Figura 10	Passos de construção do Tangram	26
Figura 11	Passos de construção do Tangram	26
Figura 12	Passos de construção do Tangram	27
Figura 13	Passos de construção do Tangram	27
Figura 14	Passos de construção do Tangram	27
Figura 15	Passos de construção do Tangram	28
Figura 16	Passos de construção do Tangram	28
Figura 17	Passos de construção do Tangram	28
Foto 1	Peças do Tangram cortadas em papel	28
Foto 2	Painel com peças do Tangram descrevendo a lenda da Cobra Norato	30
Foto 3	Peças recortadas de acordo com as linhas de orientação do quadrado	32
Figura 18	Figuras construídas com peças do Tangram	34
Foto 4	Figuras com peças do Tangram construídos em proporção	34
Figura 19	Peças do Tangram em composição	35
Figura 20	Peças do Tangram em composição	35
Foto 5	Conjunto de peças descrevendo propriedades do quadrado – usando a Mediana	36
Foto 6	Conjunto de peças descrevendo propriedades do quadrado – Usando a Bissetriz	37
Foto 7	Peças do Tangram com propriedades do quadrado – Mediana e Bissetriz	38



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>CAMINHOS DA PESQUISA</b> .....	11
1 - Justificativa .....	11
2 – A Escola e o Ensino da Matemática .....	12
3 – Objetivos da pesquisa .....	13
4 – Nossas Questões de Pesquisa .....	14
5 – Metodologia da pesquisa .....	14
6 – Contribuições da pesquisa .....	16
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>Viagem pela Terra dos Notáveis</b> .....	17
1 - Aspectos Históricos do município de Cametá .....	17
2 – Monumento aos Notáveis .....	19
3 - O Notável Dom Romualdo de Seixas .....	20
4 – O Grupo Escolar Dom Romualdo de Seixas .....	21
5 - Estudos da História dos Grupos Escolares no Brasil .....	23
5.1 - O momento histórico de criação dos grupos escolares.....	23
5.2 - O modelo de ensino dos grupos escolares.....	24
5.3 - A importância do estudo dos grupos escolares e a história do ensino da matemática no Brasil.....	25
5.4 - Grupos de estudos que pesquisam os grupos escolares no Brasil .....	25
6- Nosso Foco .....	25
<b>CAPÍTULO 3</b>	
<b>DIÁLOGOS E MEMÓRIAS COM PROFESSORES DO GEDRS</b> .....	27
1 – Francisga Gaia .....	27
2 – Celina Franco.....	30
3 – Lena Parijós .....	33
4 – Maria da Luz.....	35
5 – Hosana (colocar sobrenome) .....	37
<b>Considerações Finais</b> .....	41
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	45

## Introdução

O presente trabalho consta da pesquisa sobre o perfil do professor de Matemática e a possível contextualização do ensino no Grupo Escolar Dom Romualdo de Seixas (GEDRS), nas décadas de 1960 e 1970, no município de Cametá-Pará. Nossa intenção é a de trazer para a discussão, processos de trabalhos que foram muito utilizados e influenciaram tanto no processo de aprendizagem quanto de ensino de outras gerações de estudantes e educadores na região do baixo Tocantins.

Apresentamos nesse trabalho intitulado **O Perfil dos professores de Matemática e suas práticas pedagógicas no Grupo Escolar Dom Romualdo de Seixas (GEDRS)**, com o propósito de compreendermos por meio de entrevistas com professores que atuavam no Grupo escolar e que nos contaram sobre alguns eventos ocorridos em suas aulas e dos processos de ensino-aprendizagem desenvolvidos junto aos alunos, além dos materiais didáticos utilizados.

Agora detalhamos alguns aspectos do nosso projeto de pesquisa desenvolvidos como trabalho de conclusão do curso de licenciatura em matemática, no Campus Universitário do Tocantins/Cametá-PA, da Universidade Federal do Pará. Para tanto, o trabalho consta de três capítulos assim intitulados: Capítulo 1- Caminhos da Pesquisa, capítulo 2 – Viagem Pela Terra Dos Notáveis e capítulo 3 – Diálogos e Memórias com os Professores do GEDRS. Ao final apresentamos nossas considerações finais sobre o desenvolvimento do trabalho.

No desenvolvimento do texto apresentamos no Capítulo 1- Caminhos da Pesquisa, o desenvolvimento do trabalho metodológico, nossa justificativa para o desenvolvimento desse trabalho e os objetivos a serem alcançados, assim como os resultados esperados. Apresentamos, também os questionamentos que nortearam os diálogos com os professores que atuaram no Grupo Escolar Dom Romualdo de Seixas, nas décadas de 1960 e 1970.

No capítulo 2 – Viagem Pela Terra Dos Notáveis e capítulo, centramos estudos nos aspectos históricos do município de Cametá, dando foco na biografia de alguns notáveis, principalmente naquele que dá nome à instituição de ensino que estudamos. Nesse capítulo também apresentamos uma breve representação dos estudos sobre a história dos grupos escolares no Brasil.

No 3º capítulo – Diálogos e Memórias com os Professores do GEDRS, apresentamos os registros de diálogos, documentos e memória de algumas professoras que atuaram no GEDRS, ensinando matemática, nas décadas de 1960 e 1970.

## Capítulo 1

### Caminhos da pesquisa

#### 1 - Justificativa

Nossa proposta de estudo centra-se na análise do processo de ensino-aprendizagem da Matemática no grupo Escolar Dom Romualdo de Seixas (GEDRS), no período das décadas de 1960 e 1970, tendo como foco de pesquisa o desenvolvimento de atividades de ensino-aprendizagem realizados na escolarização do Ensino Fundamental, mais especificamente na disciplina Matemática. Para o desenrolar das descrições das práticas de ensino, reveladas em nosso estudo, por meio de entrevistas semiestruturadas, vamos evidenciar o perfil dos professores que atuaram no GEDRS no período definido nesse estudo (décadas de 1960 e 1970), além dos possíveis processo de contextualização do ensino no desenvolvimento de ações formativas da Matemática escolar.

O movimento da Educação Matemática, no qual muitos estudiosos desenvolvem trabalhos de pesquisa como tendências para o ensino-aprendizagem da matemática (DAMBROSIO, 1996), promoveu, desde de meados da década de 1960, várias transformações nas práticas de ensino, sempre buscando a superação da educação bancária (FREIRE, 1981) na qual o professor somente “depositava” informações na mente dos alunos até a prática laboratorial e dinâmica realizada pelos alunos, em inúmeros exercícios de caráter repetitivo.

Sendo assim, para que se entenda o perfil e as metodologias dos professores, que desenvolvem processos didáticos voltados para uma educação para o século XXI, faz-se necessário promover pesquisas e análises do perfil dos professores da disciplina Matemática em momentos anteriores, por isso nossa escolha pelas décadas de 1960 e 1970. Escolhemos esse período em especial, por se tratar de um momento de transições no ensino da matemática escolar - quando o Movimento da Matemática Moderna era a escola orientadora do trabalho do professor. Contudo, precisamos compreender como e se houve influência da Matemática Moderna nas escolas do Baixo Tocantins, mais especificamente no Grupo Escolar Dom Romualdo de Seixas, sem mesmo levantarmos aprofundamentos teóricos sobre essa influência.

Esse é um trabalho realizado no campo da História do ensino da Matemática, localizado no relato da experiência e das práticas de professores de Matemática do Grupo Escolar Dom Romualdo de Seixas (GEDRS), evidenciando o perfil do professor de Matemática e a contextualização do ensino da Matemática

## **2 - A Escola e o Ensino da Matemática**

A Escola exercer um papel primordial na importância de se estudar matemática, na necessidade de se conhecer os números, cálculos e aplicações, uma vez que a matemática exerce uma influência muito grande no nosso dia a dia. O professor deve ser a mola propulsora do entusiasmo e desenvolvimento dentro da sua sala de aula, sabemos que o conhecimento evolui todos os dias, e isto exige que dos professores que trabalham nessa área, que se mantenham atualizados e que busquem sempre o aperfeiçoamento, pois quanto mais qualificado for o professor mais fácil será contagiar seus alunos. Há uma crescente necessidade de tornar o ensino da matemática cada vez mais agradável e dinâmico para que o educando sinta vontade de querer saber mais, para que encontre sentido no que estuda na escola e se torne mais curioso e questionador, sendo motivado a desenvolver seu espírito investigativo.

É notório que a matemática está cada vez mais presente no nosso cotidiano, aparece de uma forma extraordinária e cada vez mais rápida e renovadora e funcional, seja no trabalho, em casa, na escola, curso ou faculdade, seja num clube ou shopping, cinema, computador, ou no diálogo com seu grupo de amigos. Enfim, a vida se resume na leitura de elementos da matemática, como por exemplo: quantos anos temos ou passamos para realizar uma tarefa, quantos passos damos ao dia; na prática da cozinha tem matemática, na medicina, na engenharia, arquitetura, aviação, gestação, administração de empresas.

Para tudo necessita da matemática e seus modelos que nos levam à precisão e aferição, pois diante de um cálculo falho e podemos botar muita coisa a perder. Dessa forma podemos compreender que a matemática não é apenas uma matéria que devemos aprender para ganhar conceito, mas sim um conteúdo bastante importante e necessário a todos.

Porém, o ensino da Matemática, no decorrer dos tempos já sofreu várias mudanças, é importante ressaltar que a metodologia utilizada para aprender matemática e essa importância que ela tem nem sempre foi como é nos dias atuais. Antigamente a educação matemática consistia em um ensino tradicional onde os professores adestravam os alunos em formas e cálculos sem aplicações, era a educação onde os alunos apenas obedeciam ao que o professor

pedia, onde os professores somente depositavam conhecimentos nas lousas e os alunos eram obrigados a aprender sem importância alguma. Somente com o tempo o Brasil começou a repensar essa forma de ensino e assim começou a serem realizados congressos para discutir novas propostas com respeito à metodologia, treinamento e formação de professores, currículos, materiais didáticos, etc. Portanto, desde a década de 1960 essas propostas já passaram por muitas transformações até que se chegasse ao método de ensino do século em que estamos. Conforme Barros (2010)

[...] De acordo com Bishop (1999) essa aprendizagem baseada na mecanização das práticas matemáticas, moldadas em um restrito grupo de situações, envolvendo valores e condições ideais, tem como único propósito suprir as necessidades internas da própria Matemática. Nessa perspectiva, o ensino da Matemática centra-se na aplicação de exercícios, que “preparam” para outras sequências de exercícios, que por sua vez servirão para os seguintes, numa gradual elevação do nível de dificuldades de resolução dos problemas propostos.

O encaminhamento de ações estanques no ensino da Matemática inibem o exercício da criatividade didática do professor e a espontaneidade do aluno, além de impor atitudes centradas no cumprimento dos conteúdos, sem deixar espaços para debates, trocas de opinião ou mesmo à divergência de ideias, visto que os objetivos voltam-se para a aprendizagem de uma Matemática universal, unificada e para todos, ignorando a diversidade e a identidade dos sujeitos. (BARROS, 2010. p. 35)

Partindo da realidade da educação matemática nos dias de hoje pelos professores, metodologias utilizadas, aulas práticas, dinâmicas, a forma como se aplicam os conteúdos que muitas vezes ainda deixam a desejar, o ambiente de ensino como a parte estrutural das escolas que evoluiu ao longo dos anos. A partir daí, vê-se a necessidade e a importância de se conhecer e compreender como se deu o desenvolvimento da educação matemática, como ela se aperfeiçoou no decorrer dos anos e o que mudou desde as décadas de 60 e 70 até o século de hoje, como essa renovação metodológica contribui para o conhecimento e interesses dos alunos de estudar matemática.

### **3- Objetivos da pesquisa**

Para o desenvolvimento da nossa pesquisa procuramos investigar sobre o perfil dos professores que ensinam matemática no grupo Escolar Dom Romualdo de Seixas (GEDRS) e compreender com e se ocorre, nas suas práticas de ensino, a contextualização dos conteúdos por meio da utilização de temas que evidenciam as práticas culturais dos homens e mulheres do baixo Tocantins. Assim resumimos nosso objetivos como: Compreender o processo de ensino-aprendizagem da matemática escolar e a presença de contexto na abordagem do ensino

da Matemática no grupo Escolar Dom Romualdo de Seixas (GEDRS), nas décadas de 1960 e 1970.

Como objetivos específicos do nosso estudo, elencamos os seguintes tópicos: Levantar pesquisa documental, bibliográfica dos registros das práticas metodológica dos professores do GEDRS da década de 1960 e 1970; Analisar os registros de atividades escolares dos professores que atuaram no GEDRS nas décadas de 1960 e 1970, para identificar traços de contextualização das práticas culturais do baixo Tocantins; Analisar o processo de gestão da disciplina Matemática, a partir da leitura e análise dos planejamentos, avaliações, cadernos de atividades e diários de classe e por fim, Entrevistar professores remanescentes das décadas de 1960 e 1970, que atuaram no GEDRS, para montarmos panorama de análise do desenvolvimento dos estudos da Matemática desde a década de 1960 e 1970, até os dias de hoje.

#### **4- Nossas questões de pesquisa**

Os estudos que desenvolvemos centraram-se na compreensão das práticas de ensino da matemática no Grupo Escolar Dom Romualdo de Seixas (GEDRS) e traz as seguintes questões de pesquisa: 1- Como o contexto cultural dos homens e mulheres do baixo Tocantins era utilizado nas aulas de matemática nas décadas de 1960 e 1970? 2- Como eram desenvolvidos os processos de ensino e aprendizagem e de avaliação nas aulas de matemática? 3- qual o perfil dos professores de matemática que atuaram nas décadas de 1960 e 1970, no Grupo Escolas Dom Romualdo de seixas?

A partir desses questionamentos, vamos iniciar a composição de um panorama do perfil dos professores e de sua prática de ensino, nas aulas de matemática.

#### **5- Metodologia da pesquisa**

O desenvolvimentos metodológico da pesquisa foi baseado em entrevistas semiestruturadas, a partir das quais desenvolvemos diálogos com as práticas de ensino no GEDRS, a partir dos registros de memória dos professores que atuavam na escola no período de referência da pesquisa, décadas de 1960 e 1970. Por isso, identificamos nossa pesquisa como do tipo qualitativa, a partir de registros de narrativas de práticas de ensino. Assim, definimos que a metodologia utilizada neste trabalho foi a pesquisa narrativa. A pesquisa narrativa, no campo educacional, incluindo biografias, histórias de vida, autobiografias, relatos orais,

depoimentos, vem sendo bastante difundida e utilizada nos últimos vinte anos. Pesquisadores como Nóvoa (1993), Pineau (1993, 2006), Josso (2006), Goodson (2008), entre outros, têm apresentado trabalhos bastante significativos nessa área, que versam desde a constituição do educador reflexivo até a formação inicial e continuada dos profissionais da Educação. Segundo Nóvoa:

[...] a utilização contemporânea das abordagens (auto) biográficas é fruto da insatisfação das ciências sociais em relação ao tipo de saber produzido e da necessidade de uma renovação dos modos de conhecimento científico...a nova atenção concedida [para esse tipo de abordagem] no campo científico é a expressão de um movimento social mais amplo...encontramo-nos perante uma mutação cultural que, pouco a pouco, faz reaparecer os sujeitos face às estruturas e aos sistemas, a qualidade face à quantidade, a vivência face ao instituído. (NÓVOA, 1993, p.18)

No nosso caso trabalhamos com a memória dos professores que atuaram em sala de aula, assim, tratamos de relatos das práticas de ensino e histórias de professores. Entrevistamos 5 (cinco) professores e uma, então aluna (de 1960 a 1964) e que posteriormente foi secretaria e depois professora do GEDRS, a partir da década de 1980.

Também foram levantados documentos como: boletins de alunos, e histórico escolar, certificado de conclusão de curso, o que caracteriza esse estudo como um levantamento de documentos históricos-escolares.

A partir das entrevistas realizadas, utilizamos os registros fotográficos e as gravações em áudio e vídeo, para analisarmos as possíveis influências da Matemática Moderna como princípios norteadores das práticas de ensino da matemática nas escolas, além das possíveis utilizações de referências das práticas culturais de homens e mulheres da região do Baixo Tocantins.

Para levantarmos informações quanto às histórias de vida, inicialmente levantamos os seguintes conjunto de questionamentos:

1- Quais as contribuições da matemática moderna na sua formação e na prática de ensino?

A partir dessa questão procuramos investigar: quais livros eram usados, quais os materiais didáticos eram adotados na época, como eram realizados os exercícios e avaliações e se os entrevistados recordavam de algumas atividades e como eram elaboradas?

2- Como eram trabalhadas as aulas de matemáticas?

Aqui procuramos investigar: quais as temáticas, os conteúdos aplicados, como eram trabalhados as questões culturais, políticas e econômicas, eram elementos utilizados no contexto escolar?

3- Como você identifica o perfil do professor de matemática?

Com esse questionamento pretendemos compreender: qual o papel do professor na escola e na comunidade cametaense, como relacionava seu trabalho com as necessidades da comunidade, se existia alguma grade curricular e como era seguida, como fazia as avaliações e por fim como elaborava os exercícios?

4- Como eram organizadas as formações e orientações complementares dos professores da escola?

Aqui compreenderemos como e se haviam formações continuadas, como e se os professores participavam de cursos livres e oficiais e se participavam de eventos e encontros na área de educação?

5- Como eram elaboradas as grades curriculares trabalhadas nas disciplinas?

Para compreendermos: como adotavam livros, quais eram os critérios utilizados para planejar as aulas e avaliações dos alunos?

6- Como se dava a prática de registro das aulas e dos resultados de estudos dos alunos?

Assim, vamos registrar documentos como: cadernetas, cadernos de exercícios e outros materiais.

## **6 – Contribuições da pesquisa**

Nosso estudo pretende compreender como as práticas de ensino da matemática desenvolvidas no GEDRS, nas décadas de 1960 e 1970, podem contribuir para reflexões sobre os processos atuais de ensino e aprendizagem dessa disciplina e a necessidade de inclusão dos contextos e vivências dos alunos, aproximando conteúdos escolares e práticas culturais.

Pretendemos, então, levantar um perfil dos professores do GEDRS e de suas práticas, para contribuir com futuros empreendimentos de pesquisas, além da proposição de estudos sobre a história do ensino da Matemática na região do Baixo Tocantins.



## Capítulo 2

### Viagem pela Terra dos Notáveis

Os registros que aqui apresentamos estão baseados em documentos vinculados pela Prefeitura Municipal de Cametá e documentos disponíveis no Museu de Cametá.

#### 1- Aspectos Históricos do Município de Cametá<sup>1</sup>



Foto 1 – Vista aérea de Cametá

A fundação de Cametá está intimamente ligada à disputa pela posse e riquezas das terras configuradas como “novo mundo” (a América), e cuja “descoberta” se deu como resultado direto do expansionismo europeu em fins do século XV e início do XVI.

Cametá, situada na margem esquerda do rio Tocantins, tinha grande parte de seu território habitado por nativos denominados ***Caamutás***. Outras tribos também habitavam a região sendo, no entanto, que todas essas várias tribos nativas pertenciam ao tronco etno-linguístico dos Tupinambás.

Os historiadores Palma Muniz e Theodoro Braga relatam que esses índios receberam o nome de Caamutás por parte dos demais grupos Tupinambá em razão de construírem habitações nas copas das árvores com intuito de facilitar o trabalho da caça (uma das fontes primárias, ao

---

<sup>1</sup> Documento vinculado pela coordenação do Museu de Cametá para divulgação da história do município de Cametá.

lado da pesca, de alimentação para tribo). Perceberam os Caamutás que, do alto, a caça aos animais selvagens era feita de forma mais eficiente e com menores riscos.

Logo depois da fundação das cidades de Santa Maria de Belém do Grão-Pará (Belém) e Vigia de Nazaré (Vigia), os colonizadores foram atraídos pelas riquezas, e pela posição estratégica para o controle do acesso ao território recém conquistado, da região do rio Tocantins. Nesse sentido, lutas várias foram travadas entre Portugueses, Franceses e holandeses, empenhados na conquista da “calha” amazônica. Por fim, sob o símbolo da Cruz de Cristo e pela espada, os portugueses se fixaram à margem esquerda do rio Tocantins em definitivo.

Tal processo se inicia em 1617 quando Frei Cristóvão de São José, Frei Manuel da Piedade e Frei Cosme de São Damião, religiosos da Congregação dos Capuchos da Ordem de Santo Antônio, sobem o rio Tocantins desembarcando numa margem de terra à esquerda do rio. Firma-se então o primeiro contato entre a “civilização Cristã” e os índios Camutás.

O trabalho de evangelização, desenvolvido por Frei Cristóvão de São José, motivou a progressiva transferência do antigo aldeamento dos Caamutás para o local onde anteriormente os religiosos haviam construído uma ermida (pequena capela) e, a partir daí, em meados do ano de 1620, tal povoamento passou a adquirir dinâmica social, populacional e econômica, configurando um núcleo populacional que passou a ser conhecido como Camutá-tapera.

Assentando os alicerces de futuras capitanias o Capitão-Mor Feliciano Coelho de Carvalho, em meados de 1632 organiza uma expedição para combater os estrangeiros que invadiam e buscavam se instalar na região.

Por tais serviços a Coroa Portuguesa outorga a Feliciano Coelho de Carvalho, através de Carta Régia no ano de 1633, uma sesmaria (Lote de terra inculto ou abandonado, que os reis de Portugal cediam a sesmeiros que se dispusessem a cultivá-lo) com extensa área territorial dentro da qual se localizava o povoado de Camutá passando a ser batizada esta extensão de terras com o nome de Vila Viçosa de Santa Cruz de Camutá, sob a invocação da proteção de São João Batista, como relatam os registros históricos da época.

Em sua história como Município reconheceu-se que, em 1713, a povoação adquiriu o conhecimento legal na categoria de Vila, convertendo-se “ipso-facto” em Município, muito embora não se encontrem instrumentos legais que corroborem tal proclamação. Em 30 de Abril de 1841 foi promulgada a Lei nº. 87, que elevou Cametá à categoria de Comarca e, sete anos depois, em 24 de Outubro de 1848, lhe foi outorgado o reconhecimento e foi elevada a categoria de Cidade. Após a Proclamação da República, o governo provisório do Estado, através do Decreto lei nº. 59, criou o Conselho da Intendência Municipal de Cametá. No entanto, somente

em 1930 – através do Decreto nº. 06, de 04 de Novembro – foi confirmada a condição de Cameté como Município, passando a existir como tal no quadro de ordenamento político-administrativo do Estado do Pará.

## 2- Monumento aos notáveis

A cidade de Cameté tem um histórico de importantes políticos e personalidades que se destacaram no cenário amazônico e nacional e por esse motivo, além dos seus aspectos culturais e da natureza exuberante, também é chamada de Terra dos Notáveis.



Foto 2 – Monumento aos Notáveis em frente à igreja de São João Batista em Cameté

Além da personalidade que destacaremos em seguida nesse trabalho por dar nome ao grupo escolar Dom Romualdo de Seixas, outros personagens ganharam muito destaque no cenário religioso e político amazônico e nacional, durante o império. Entre eles citamos alguns: Dom Romualdo Coelho<sup>2</sup>, tio de Dom Romualdo de Seixas, que em 1819, foi eleito bispo do Pará e teve um Papel de grande destaque no momento da Adesão ao Pará a independência; Ângelo Custódio Correa foi deputado parlamentar Nacional por três legislaturas, exerceu a presidência da Província interinamente por duas vezes; o Cônego Manoel José De Siqueira Mendes, que teve grande destaque na política, eleito várias vezes deputado na Assembleia Legislativa da Câmara dos Deputados, ocupou o cargo de Presidente da Província do Pará e em

---

<sup>2</sup> PERES, Luiz Alberto O. Peres Biografia dos Notáveis cametaenses. In: <http://luisperescameta.blogspot.com.br/p/os-notaveis.html>. 13/12/2014, às 19h30

1886, foi finalmente escolhido para ocupar o cargo de senador no império<sup>3</sup> e mais recentemente, Dom Milton Pereira que Em 1973, foi nomeado Arcebispo Coadjutor de Manaus e passou a titular da mesma arquidiocese em 1981. Uma reivindicação da comunidade local, atendida pelo Papa João Paulo II que a um ano antes esteve no Amazonas.

### 3- O Notável Dom Romualdo de Seixas



Imagem 1 – Dom Romualdo de Seixas

Romualdo Antônio Bittencourt de Seixas nasceu na localidade de Mutuacá, no município de Cametá, Estado do Pará, no dia 07 de fevereiro de 1787. Filho dos agricultores Francisco Justiniano de Seixas e Ângela de Souza Bittencourt Seixas (LAREDO, 2013)

Foi orientado pelo tio Dom Romualdo de Sousa Coelho, que o matriculou aos sete anos de idade no seminário Episcopal de Belém. Aos 14 anos de idade embarcou para Portugal a fim de concluir os seus estudos na congregação de São Felipe Nery.

[...] Aos 19 anos fez brilhante carreira no magistério do Seminário, ensinando latim, retórica, poética, filosofia, Francês e Dogmática. Em 1807, com 20 anos era subdiácono e no ano seguinte viajou ao Rio de Janeiro para cumprimentar a família real e com sua capacidade caiu nas graças de Dom João VI, que o promoveu a cônego, sem ser ainda padre. Em 1810, recebeu as ordens de presbítero e foi celebrar sua primeira missa em sua terra, Cametá, no dia 1º de novembro. (SALOMÃO, 2013, P.44)

Dom Romualdo de Seixas também foi eleito deputado para a Assembleia Geral onde se destacou com os seus dotes oratórios e manifesta cultura, sendo até hoje o único paraense a exercer a Presidência da Câmara dos Deputados.

---

<sup>3</sup> Siqueira Mendes tem sua importância representada nos nomes das primeiras ruas das cidades de Cametá e Belém.



Imagem 2 – Representação da Coroação de Dom Pedro II

Por esses e muitos outros destaques, a 12 de outubro de 1826 era nomeado arcebispo primaz do Brasil, com essa dignidade coube-lhe a honra em presidir a coroação de Dom Pedro II, imperador do Brasil em solenidade de 18 de julho de 1841, no Rio de Janeiro. O Imperador concedeu-lhe o Título de Marquez de Santa cruz e o Papa de Conde Romano. Sendo, então, considerado o homem mais culto do seu tempo. Dom Romualdo de Seixas faleceu em Salvador Bahia no dia 29 de dezembro de 1860.

#### **4- O Grupo Escolar Dom Romualdo de Seixas**



Foto 3 – Grupo escolar Dom Romualdo de Seixas

A colaboração do Sr. Flavio Gaia (Gato), coordenador técnico de acervo do Museu de Cameté além de ser filho da professora Francisca Gaia, uma de nossas entrevistadas, nos

possibilitou acesso a documentos de registros da história do Grupo escolar Dom Romualdo de Seixas.



Foto 4 – painel do documento de registro de obra do GEDRS

O Grupo Escolar Dom Romualdo de Seixas foi instalado nesta cidade a 12 de outubro de 1899, no governo estadual do Dr, José Paes de Carvalho. Funcionando inicialmente num prédio da antiga agência dos correios na rua 24 de outubro, nº 59, atual Frei Cristovão de Lisboa, tendo como primeiro diretor o Cametaense Capitão Agapito Lopes Paes.

O prédio edificado à praça da Fonseca, atual praça da cultura, foi projetado pelo engenheiro Lucas de Barros, obedecendo a um projeto padrão, executado também no município de Castanhal e provavelmente em outras cidades do Estado.

O mestre Álvaro de Amorim foi o responsável pela construção do prédio em Cametá, sendo a mão de obra empregada constituída de assalariados. O prédio foi concluído e inaugurado por volta de 1905, já no governo estadual de Augusto Montenegro; sua denominação foi em homenagem ao cametaense Dom Romualdo de Seixas, que teve grande envolvimento na história do Pará, como político, religioso e administrador.

A construção e a utilização deste prédio no início do século XX retratava a riqueza da região amazônica e tinha sua economia baseada na exportação da borracha e do cacau. Os filhos de Cametá que nele concluíram o ensino elementar e tinham posses, costumavam ir estudar

na capital do Estado – Rio de Janeiro – na época Distrito Federal – ou mesmo na Europa.

## **5- Estudos da História dos Grupos Escolares no Brasil**

Falar da História da Educação Matemática nos possibilita compreender o processo evolutivo e as rupturas que impulsionaram tendências metodológicas, assim como evidenciaram necessidades de configuração de processos de ensino e aprendizagem, que tornassem as práticas educativas mais prazerosas e significativas aos alunos, tanto quanto motivadoras à criatividade didática dos professores.

O estudo dos grupos escolares, nos possibilita uma visão dos processos de escolarização e dos elementos didático-pedagógicos necessário para compreender alguns elementos formadores das concepções de educação e, especificamente, do ensino da matemática. Tratamos então do momento histórico de criação dos grupos escolares, para estudarmos, também, as nuances de uma mudança de perspectiva no ensino dessa disciplina, nas décadas de 1960 e 1970.

### **5.1- O momento histórico de criação dos grupos escolares**

Durante o Brasil Império e início da República, o ensino público secundário era deficiente e de má qualidade. Na década de 1850, os governantes tomaram algumas atitudes para melhorar esse cenário. Uma delas foi um programa de preparação ou formação de professores primários (SILVA, 1992, p. 96-97).

No entanto, Silva (1992, p. 97) indaga também que “lamentavelmente, porque não tiveram continuidade as medidas educacionais postas em prática, nas décadas seguintes voltaram a reinar a desorganização, o caos e a corrupção (as fábricas de diplomas) no sistema público do país (SILVA, 1992, p. 97)”.

Nos anos finais do século XIX, na Europa e nos Estados Unidos, foi instalada e difundida a escola graduada no Brasil, que tinha um modelo pedagógico próprio. O primeiro estado a implantar a escola graduada foi São Paulo, durante a primeira república. A partir de 1983, as escolas preliminares, pela proximidade, passam a se agrupar em um único prédio, recebendo a nomenclatura de Grupo Escolar (COSTA; VALENTE, 2014, p. 1).

Silva (1992, p. 99), complementa dizendo que “observando o desenvolvimento social, político e científico que se processava na Europa e nos Estados Unidos [...], grande parte da elite intelectual brasileira [...] ansiava por mudanças e reformas que a nação exigia”. Dentre essas mudanças estavam a abolição da escravidão, implantação da república, reformas política e educacional no país.

Portanto, os grupos escolares surgiram, no Brasil, no final do século XIX e início do século XX. Esse processo foi desencadeado principalmente com a Proclamação da República. Sua implantação tinha como objetivo mostrar a organização de um novo sistema de governo através da educação do povo (GARNICA; SOUZA, 2012, p. 29).

Sua arquitetura era de grande porte para a época. Eram prédios monstruosos construídos em meio a pequenas casas para simbolizar que o desenvolvimento do país só seria alcançado através da educação de qualidade (GARNICA e SOUZA, 2012, p. 29).

Costa e Valente (2014, p. 1-2) complementam dizendo que os grupos escolares configuraram-se:

[...]como uma escola urbana, moderna e complexa, os primeiros grupos escolares são instalados no interior do estado (São Paulo) em prédios especialmente construídos para abrigar a instituição, adotando uma arquitetura monumental e edificante que coloca a escola primária à altura de suas finalidades políticas e sociais, servindo para propagar a divulgação dos governos do estado (COSTA; VALENTE, 2014, p. 1-2).

Pode-se comprovar na citação acima que os grupos escolares foram instalados no interior do Estado de São Paulo. Essa política estava voltada em atingir primeiramente a população fora dos grandes eixos urbanos. Dessa maneira, era possível mostrar à população que uma educação de qualidade poderia chegar em todos os lugares, não só na capital como também pelo interior.

## 5.2 O modelo de ensino dos grupos escolares

A proposta pedagógica dos grupos escolares é centrada na escrita, leitura e contagem. O ensino dessas três vertentes deveria ser de maneira igualitária, mas em muitos casos se enfatizava a leitura e a escrita, pois se acreditava que assim criaria um espírito cívico e de civilidade. O ensino da matemática resumia-se apenas em modelos elementares de contar e operar aritmeticamente (GARNICA; SOUZA, 2012, p. 9).

Portanto, os grupos escolares assinalaram um novo modelo organizacional de escola. Esse modelo atestava que o ensino deveria ser disseminado a toda a população. Ideias estas defendidas pela elite intelectual da época para possibilitar o desenvolvimento nacional.



### 5.3 A importância do estudo dos grupos escolares e a história do ensino da matemática no Brasil

No Brasil, de maneira geral, o ensino passou por transformações no decorrer dos anos. A matemática também foi alvo dessas transformações, sofrendo influências de acordo com seu contexto histórico (D'AMBRÓSIO, 1996, p. 55).

Os grupos escolares surgiram com o propósito de enfatizar a leitura, escrita e contagem. Mas, em muitas ocasiões, o ensino da matemática era considerado desprezioso, limitando-se apenas em simples operações aritméticas. Isso caracteriza o estudo diferenciado do ensino da matemática (GARNICA; SOUZA, 2012, p. 29).

### 5.4 Grupos de estudos que pesquisam os grupos escolares no Brasil

O GHEMAT – Grupo de Pesquisa de História da Educação Matemática no Brasil foi criado em 2000. O Grupo, cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisas do CNPq, tem como líderes os professores Neuza Bertoni Pinto (PUC-PR) e Wagner Rodrigues Valente (UNIFESP - Campus Guarulhos).

O GHEMAT desenvolve projetos de pesquisas que têm como objetivo produzir história da educação matemática. Buscando seus referenciais teóricos na História, para a produção de objetos, para a promoção de operações com documentação a ser transformada em fontes de pesquisa, e, por conseguinte, submissão de seu texto a regras de controle pela comunidade de historiadores, de historiadores da educação e historiadores da educação matemática.

Integram o GHEMAT pesquisadores de diferentes estados brasileiros, em colaboração, no desenvolvimento de projetos coletivos de investigação. Constituindo uma verdadeira rede de pesquisas, o Grupo faz uso de um repositório de conteúdo virtual, para armazenar documentação vinda de diferentes partes do país, com a finalidade de subsidiar estudos sobre história da educação matemática brasileira.

## 6. Nosso Foco

O foco do nosso interesse pelos grupos escolares, nesse momento, se faz pela história das práticas de ensino dos professores que atuaram no GEDRS, nas décadas de 1960 e 1970,

no que concerne ao relato de educadores que ensinam matemática: suas práticas, seus materiais de ensino, processo de avaliação e formação continuada.

A partir desses registros de memória dos professores, faremos análises quanto às suas práticas e de como elas podem nos fazer perceber necessidades quanto ao ensino da matemática, no trato com o material de didático e ainda, na percepção dos modelos de avaliação utilizados nas práticas de ensino.

## Capítulo 3

### Diálogos e Memórias com professore do GEDRS

Na perspectiva de entendimento do processo de ensino e aprendizagem da matemática, foi feita entrevistas com professores que atuaram nas décadas de 1960 e 1970 no grupo escolar Dom Romualdo de Seixas. As entrevistas diálogos abordaram questões relacionadas como era o perfil do professor de Matemática, os materiais didáticos utilizados, como desenvolviam atividades de aprendizagem, como eram feitas as avaliações com os alunos, fatos curiosos ocorridos em sala de aula e também nas referidas décadas como o professor era visto na sociedade cametaense.

A entrevista diálogo foi semiestruturada através do conhecimento da história da educação no Brasil e aplicado de forma individual após o consentimento dos professores em participar da pesquisa.

Professores que participaram da pesquisa: Celina Franco, Francisca Gaia, Lena Parijós, Graça Correia Furtado, Hosana Pereira e Maria Da Luz Cordeiro.

#### 1- FRANCISCA GAIA



Foto 5 – Profa. Francisca Gaia

**Nome:**

**Nascimento:**

**Formação:**

- primário (no grupo escolar dom Romualdo de seixas).

- regional (instituto nossa senhora auxiliadora) quando atuou nas seixas.

- pedagógico (instituto nossa senhora auxiliadora) que hoje é o magistério.

**Tempo de atuação no GEDRS:** de 1962 até 2002

**Função:** Professora

Segundo a Professora Francisca Gaia, nas décadas de 1960 e 1970, os professores eram muito cobrados e por conta disso eles tinham um perfil de ser muito exigentes com seus alunos pois eles se viam como principais responsáveis pelo ensino dos mesmos.

“Como nós éramos muito cobrados, tínhamos que ser muito exigentes com nossos alunos, até porque naquela época a responsabilidade da educação das crianças era toda dos professores os pais não participavam do processo de formação dos filhos. Diferente dos dias atuais nós professores éramos muito respeitados. Hoje não seria professora por hipótese alguma.”

Com relação aos materiais utilizados em sala de aula, a professora enfatizou que era uma coisa simples, onde ela trabalhava somente as quatro operações usando tabuadas confeccionadas pelos próprios alunos em sala de aula.

“Vinha uma caderneta da secretaria de educação, onde tínhamos o controle dos alunos, o ensino da matemática se resumia nas quatro operações, utilizávamos apenas a tabuada que era construída em sala de aula.”

Em se tratando das atividades desenvolvidas para a aprendizagem, a professora cita que era uma coisa simples onde todos os professores montavam juntos o plano de aula para a semana toda, não havia prática de atividades extra classe, o ensino se resumia dentro da sala de aula.

“A aprendizagem naquela época era muito simples, vinha de Belém um esquema para a Diretora de desenvolvimento das aulas do ano todo, aí nós professores nos reuníamos e montávamos o plano da semana toda. Eu tinha uma preocupação muito grande com a escrita dos alunos, fazia muitas atividades com eles para melhorá-la, hoje eu tenho um ódio

quando vejo aluno da universidade com a letra horrível. E outra eu não suporto essa matemática de hoje, que é letra e símbolos.”

No que diz respeito à avaliação dos alunos, a professora nos conta que a única forma de avaliá-los era através de provas escritas aplicadas mensalmente.

“Os meus alunos como eu trabalhava com 1ª e 2ª série a prova era escrita, feita toda na lousa mesmo, aplicada mensalmente, daí tinha cuidado em panejar as aulas, pois, eles eram sempre submetidos à avaliação. Essa era a única forma de avaliá-los.”

Na entrevista também foi perguntado se haviam alguns fatos curiosos ocorridos em sala de aula, a professora nos relatou um bastante engraçado que por um momento descontraiu os alunos na sala.

“Quando vinha circo para a cidade a escola tinha por obrigação receber as crianças, que estão em transito, um dia quando eles estavam todos escrevendo, quando ouvir aquilo fez: “Fiote”, aí eu fiquei, quem foi? Quem foi? Aí ninguém sabia responder, só depois que descobrimos que era o garotinho do circo.”

A professora nos conta que naquela época, entre as décadas de 60 e 70, o professor era bastante reconhecido e respeitado pelo trabalho que realizava, pois contribuía gradativamente para o desenvolvimento do município.

“Naquela época a classe professor era respeitada, principalmente os do Grupo Escolar Dom Romualdo de Seixas, pois o ensino do mesmo era referência para a região. Não tínhamos outras funções na comunidade, mas o nosso papel era de fundamental importância para o desenvolvimento do Município e da região do baixo Tocantins.”

## 2- CELINA FRANCO



Foto 6 – Profa. Celina Franco Pereira

**Nome:** Celina Franco Pereira

**Nascimento:** 25/04/1942

**Formação:**

- primário (no grupo escolar dom Romualdo de seixas).
- regional (instituto nossa senhora auxiliadora) quando atuou nas seixas.
- pedagógico (instituto nossa senhora auxiliadora) que hoje é o magistério.

**Tempo de atuação no GEDRS:** de 1962 até 2002

**Função:** Professora

De acordo com a Professora Celina Franco, o professor de matemática era visto como um ser rígido e disciplinador, que exigia muito dos alunos, mas que se fazia necessário por entender que agindo dessa forma conseguiria manter o controle das aulas e obter êxito no final de cada ano letivo.

Me achava durona em minhas aulas, mas no sentido de ser responsável, mas que tinha muita preocupação com os alunos, em determinado tempo as notas eram arredondadas, por exemplo se o aluno tirava 7,7 eram arredondados para 7,5 os 0,2 décimos eu guardava para somar com outra nota da avaliação seguinte. Eu era exigente sim, mas não injusta, tinha compromisso com os alunos e a família.

Em relação aos materiais didáticos utilizados na época a professora foi bastante sucinta, utilizava apenas o livro didático, tabuada, lousa e giz, os alunos não recebiam livros e a tabuada era feita pelos mesmos em sala de aula.

Os alunos não usavam livros, só quem usava eram nós os professores para preparar nossas aulas, passadas na lousa os apontamentos, então os alunos tinham que copiar nos cadernos que eram feitos com folha de papel almaço, pois durante muito tempo, os livros não vinham para os alunos, os professores que tinham que ir até Belém procurar os livros nas Editoras, os professores que tinham que arrumar os livros para poder trabalhar suas aulas, isso não durou muito tempo, depois os representantes das editoras vinham até as escolas oferecer os livros, quando comprávamos os livros, eles forneciam os manuais dos professores que já vinham todos completados com as atividades.

Na questão relacionada ao desenvolvimento das atividades de aprendizagem a professora considera o processo de aprendizagem baseado na memorização dos conteúdos que eram trabalhados no decorrer das aulas. As atividades eram desenvolvidas somente em sala de aula, não existia atividades extra classe, resumindo somente em memorizar a tabuada.

O sistema da época era apenas decorar, ou seja, tudo era falado ao pé da letra, exigia muita atenção em que os professores falavam, caso contrário os alunos se atrapalhavam tudo, mas achava que não era uma deficiência, pois se empolgavam com as respostas que eram dadas aos professores, caso contrário, quem não soubessem as respostas eram penalizados com bolos nas mãos dado com palmatórias de madeira. Esse processo era conhecido como sabatina.

Enfatizando sobre a forma de elaboração e aplicação das avaliações com os alunos. As provas eram semestrais e vinham diretamente de Belém, o professor apenas aplicava. Para os alunos do 5º ano era feita uma prova oral no final do ano, o aluno não tinha acesso as suas notas, somente nesse momento que tinha conhecimento, pois só assim saberiam se estavam aptos a fazerem a prova oral. Esse exame garantia a certificação e o acesso ao Ginásio que funcionava no Instituto Nossa Senhora Auxiliadora.

“As provas vinham todas de Belém, o professor regente não podia aplicar as avaliações para os alunos, eram convidados outros professores de outras séries para realizar a aplicação das avaliações, isso acontecia em meados das décadas de 1960 e 1970. As provas que vinha de Belém eram chamadas de exame de admissão em que o aluno fazia no Primário para poder entrar no Ginásio, caso fossem aprovados, ganhavam um cartão de admissão. Os professores tinham medo de não terminar os conteúdos, pois não sabiam o que ia cair na prova de admissão, por isso se preocupavam exclusivamente em passar os conteúdos.”

No decorrer da entrevista, foram relatados fatos curiosos ocorridos em sala de aula, como eles eram professores rigorosos, o qual nos chamou mais atenção foi de quando os alunos a enxergavam eles falavam: “lá vem Ela”. Essa frase lhe tirava do sério.

“Um certo dia quando estava saindo da sala para ir a outra, quando ouvi alguém gritar lá vem ela. Nesse momento o outro professor lhe apontou quem tinha chamado, eu fui até ao aluno e sacudi-o e dizia agora fala pois você sabe que não gosto disso. Eu fazia isso não porque era mal, mas para ver o circo pegar fogo.”

Diante do processo histórico político econômico e cultural vivido nessa época, o professor era visto na sociedade cametaense como um profissional de fundamental importância dentro da escola, não relacionavam o trabalho diretamente com a comunidade e sim a preocupação maior era voltada a aprendizagem dos alunos.

“Se preocupavam tanto com o comportamento particular do professor como na sua própria sala de aula achavam que o professor tinha que seguir à risca cobravam muita naquela época, tinham que estar à disposição da escola, eram vigiados achavam que o professor não deveria se expor muito, hoje tudo tá moderno tudo muito bom, mas nós éramos vigiados, vivíamos em função da escola, pouco contribuíamos com outros afazeres na comunidade cametaense, a não ser algumas



vezes que fui convidada a ensinar artesanato e algumas oficinas já a partir da década de oitenta.”

### 3- LENA PARIJÓS

Foto 7 – Profa. Celina Franco Pereira

**Nome:**

**Nascimento:** 25/04/1942

**Formação:**

- primário (no grupo escolar dom Romualdo de seixas).

- regional (instituto nossa senhora auxiliadora) quando atuou nas seixas.

- pedagógico (instituto nossa senhora auxiliadora) que hoje é o magistério.

**Tempo de atuação no GEDRS:**

**Função:** Professora

Segundo a professora Lena Parijós, nas décadas de 60 e 70, o professor exercia um perfil de comprometimento com os alunos onde eles eram professores bastante exigentes e disciplinados.

“O professor era mais comprometido com a educação dos alunos, na época que eu trabalhei, éramos disciplinadores e exigíamos muito deles, tudo era colocado e explicado no quadro e os mesmos tinham que transcrever para seus cadernos.”

Os materiais utilizados em sala de aula eram simples e tradicionais, onde o professor tinha apenas um manual como guia para auxiliá-lo, trabalhando assim com a lousa, o giz e a tabuada decorativa para as quatro operações da matemática.

“Usamos o livro didático que vinha para a secretária, nós professores íamos até lá escolher que livros adotaríamos, e nem era um livro específico de cada disciplina, era uma espécie de manual do professor, nas aulas de matemática o que mais usávamos era a lousa e o giz e também a tabuada.”

Em relação a como a professora desenvolvia as atividades de aprendizagem ela nos relatou que havia planejamento dos conteúdos e que era bastante preocupada com o aprendizado dos alunos, se eles realmente estavam entendendo, por conta disso ela se tornava uma professora persistente que explicava quantas vezes fosse preciso.

“Nesse momento já existia as supervisoras escolares, antes de começarem o ano letivo agente tirava uma semana para fazer o planejamento dos conteúdos que iam ser trabalhados em sala de aula, tinha muita preocupação em ensiná-los, dava explicação no quadro quantas vezes fossem preciso, se tivesse um aluno que falasse eu não entendia eu voltava e explicava até ele assimilar o conteúdo. Mandava o aluno resolver no quadro, pois, queria me certificar que o aluno realmente estava aprendendo.”

No que diz respeito às avaliações, a professora formulava as provas relacionando-as com os conteúdos estudados em sala de aula e elas aconteciam de forma bimestrais. Assim os alunos eram avaliados se realmente tinham aprendido os conteúdos estudados no decorrer das aulas.

“As avaliações eram formuladas por nós professores da escola, nessa época não mais vinha de Belém, elaborávamos de acordo com os assuntos trabalhados em sala de aula, as provas nesse momento eram bimestrais.”

No decorrer da entrevista a professora nos relatou um fato curioso ocorrido em sua sala de aula com um de seus alunos em uma aula de Matemática durante a correção de exercícios.

“Um dos meus alunos acabou o exercício primeiro e ele veio todo empolgado me entregar para mostrar para seus colegas que sabia tudo, um pouco antes de chegar na minha mesa ele tropeçou e caiu, a turma

toda começou a rir dele, o menino ficou tão sem jeito que começou a chorar, mas eu logo chamei a atenção da turma e eles pararam.”

A professora nos conta que na sociedade Cametaense das décadas de 60 e 70 o professor era mais valorizado em comparação com os dias atuais, eram professores mais dedicados, comprometidos com a educação e eram respeitados por toda a comunidade escolar.

“Naquela época o professor, ele era bem mais valorizado que nos dias atuais. Sinceramente pelo que vejo, não sei se é porque sou tradicional, mas o professor de antigamente era muito mais dedicado que os de hoje. Eu em particular não me preocupava apenas em ensinar e sim educar, educando-os para a vida. Sempre muito respeitada, pelos alunos, pelos pais e pela comunidade em geral.”

#### 4- MARIA DA LUZ

Foto 8 – Profa. Celina Franco Pereira

Nome:

Nascimento:

Formação:

- primário (no grupo escolar dom Romualdo de seixas).

- regional (instituto nossa senhora auxiliadora) quando atuou nas seixas.

- pedagógico (instituto nossa senhora auxiliadora) que hoje é o magistério.

Tempo de atuação no GEDRS: de 1962 até 2002

Função: Professora

Segundo a professora Maria da Luz os professores das décadas de 60 e 70 eram bastante exigentes e rigorosos com os conteúdos, pois eles tinham a tarefa árdua de fazer o aluno aprender de fato, mesmo sem muitos recursos.

“O professor daquela época era aquele que só cumpria mais o conteúdo, não utilizávamos recursos ilustrados, nossa função era apenas repassar aos discentes aquilo que vinha determinado da Secretaria. Nós éramos rigorosos, cobrávamos muito e era difícil o aluno não aprender, ou seja, exigíamos aquilo que passávamos para ver se eles realmente conseguiram compreender.”

Em se tratando dos materiais utilizados em sala de aula para repassar os conteúdos a professora nos contou que era um ensino tradicional com o uso do quadro negro e giz, mas que ela utilizava bolinha de papel, caroço e até peteca para fazer contas e deixar a aula um pouco mais dinâmica, ela reforçou também que os alunos não tinham livros, somente os professores.

“Quadro, giz, bolinha de papel, caroço para fazer as contas ou então petecas, utilizávamos cadernos também. Os livros eram distribuídos somente aos professores, depois de algum tempo que passaram a distribuir aos alunos, acredito que até hoje essa distribuição ocorra.”

As atividades de aprendizagem eram organizadas a partir do programa fornecido pela Secretaria de Educação, onde os professores copiavam no quadro, passavam exercícios para em seguida serem corrigidos, sem pontuação, ou seja, era apenas para testar o aprendizado do aluno.

“As atividades eram desenvolvidas de acordo com o programa que vinha da Secretaria de Educação. Então nos reuníamos para organizar as aulas e depois passávamos no quadro os assuntos para os alunos copiarem, eram passados os exercícios em seguida eram corrigidos individualmente, porém não valia ponto, ou seja, o professor passava e o aluno apenas reproduzia.”

Em relação às avaliações a professora relatou que eram realizadas de forma bimestrais, elaboradas juntamente com outros professores e escritas no quadro para os alunos copiarem em uma folha de papel almaço e assim realizarem a prova.

“As avaliações eram escritas no quadro para os alunos copiarem numa folha de papel almaço para depois ser resolvidas. As avaliações eram bimestrais, às vezes nos reuníamos com outros colegas da mesma série para elaborarmos juntos, se não, era elaborado individualmente.”

No proceder da entrevista a professora nos contou um fato curioso que aconteceu em sala de aula com um de seus alunos, mesmo se tratando de um ensino rigoroso algumas vezes os alunos faziam com que tivesse uma descontração.

“Um dia estava trabalhando uma aula com textos que era para as palavras e depois dá os sinônimos que na época era chamado vocabulário, então perguntei para um aluno o que significava Píncaros. Como ele não sabia a resposta, logo respondeu: frutinhas saborosas da Amazônia.”

Para a professora em questão, o professor era visto na sociedade Cametaense da década de 60 e 70 como o principal provedor do conhecimento, da educação e do aprendizado, onde eles contribuíam não apenas para o ensino aprendizagem, mas também para a vida fora da escola, para a vida em sociedade, pois eram professores que se dedicavam exclusivamente para a educação de seus alunos.

“Era mais de contribuir para o ensino e aprendizagem e também para a escola da vida onde aconselhávamos nossos alunos para saber se comportar na sociedade era isso que se trabalhava, pois alguns pais não tinham muito o diálogo com os filhos cabia mais a nós professores de orientá-los. Vivíamos fechados exclusivamente para a escola, eu fazia reuniões com os pais para comunicar sobre a situação dos alunos, muitas das vezes eles faltavam muito, por isso tinha que trazê-los para saber o que estava acontecendo.”

5- HOSANA (colocar sobrenome)

Foto 9 – Profa. Hosana (nome completo)

Nome:

Nascimento:

Formação:

- primário (no grupo escolar dom Romualdo de seixas).

- regional (instituto nossa senhora auxiliadora) quando atuou nas seixas.

- pedagógico (instituto nossa senhora auxiliadora) que hoje é o magistério.

Tempo de atuação no GEDRS: de 1962 até 2002

Função: Professora

Para registrarmos os diálogos com a professora Hosana (sobrenome), consideramos que ela, além de ter sido professora, também foi aluna no GERDS e pode, em muitos momentos, confirmar as falas das professoras, além de nos dar informações preciosas sobre as práticas dos professores em seu tempo como aluna. Para melhor aproveitarmos os momentos de entrevistas, alteramos um pouco as questões das entrevistas, inicialmente apresentadas nesse trabalho no capítulo 1.

Questão 1: Como funcionava as aulas nas décadas de 60, quando foi aluna no GEDRS?

Eram várias disciplinas: Estudos Sociais, Ciências, Matemática, Português, Educação Física, lembra vagamente que a parte da educação física era só recreação não sabia nem o que era, isso no início dos anos 60, o professor descia nem lembro quem era o professor, mas tínhamos aquele horário destinado a educação física.

Nessa época em que estudei funcionava 03 turnos: Manhã, Intermediário e Tarde, essa escola funcionou durante muito tempo intermediário, desde a época em que estudei ainda cheguei trabalhar no intermediário, depois que ocorreu a Municipalização tiraram esse horário.

Questão 2: Como era o perfil do professor de matemática?

O mesmo professor de Matemática dava outras disciplinas, eles davam a primeira aula, quando dava o horário, mudavam naturalmente, só sabíamos da mudança das aulas quando falavam para pegar o caderno de tal matéria nossos cadernos eram de papel almaço costurado e encapado, não existia caderno de arame, usávamos lápis na 1ª e segunda série, quando a criança já dominava a escrita que passava a usar a caneta, não era caneta esferográfica era caneta bomba tinha de encher de dois em dois dias.

Questão 3: Como era a metodologia dos professores para ensinar matemática?

Era bom demais, era só na tabuada eles passavam, eles passavam sim os conteúdos nos quadros depois explicavam os problemas, porém para aprender a matemática era só na sabineta entre 62 a 64, usavam muito à palmatória e eu agradeço até hoje, pois foi dessa forma que aprendi a matemática, éramos obrigados a estudar para aprender. Havia aquela competição entre aluno contra aluno, as vezes a professora interferia, mas era os alunos que tinham que responder as perguntas feitas pelos professores e o primeiro que respondesse dava o bolo com a palmatória em quem errasse. Eu também trouxe essa metodologia para minha sala de aula, trabalhei muito assim por necessidade pois achava que era melhor para os alunos aprenderem. Hoje os alunos já são influenciados pela máquina no digital, na mente não tem quase nada de aprendizado.

Naquele tempo os professores explicavam muito. A disciplina que mais eu gostava era a Matemática, por causa dos problemas que passavam

para resolvermos, era tão bom, tudo diferente de hoje. Era trabalhado basicamente as quatro operações, na quarta e quinta série já eram usadas as frações, expressões numéricas, juro simples e noção de raiz quadrada. Não era usado livro didático, o uso do livro já foi a partir do final da década de oitenta e início dos anos noventa. Nessa época, todo dia tinham que fazer atividades, não iam para casa sem levar tarefas no caderno para trazer pronto no outro dia.

Quanto as realizações das provas, eram realizadas mensalmente todas as quatro disciplinas incluindo também educação física que era uma espécie de recreação que nem aparece a nota no boletim, inclusive nem sabiam suas notas, ficavam apavorados quando chegava perto do final do ano que iam ver quem entrava em processo de prova, ou seja, era nesse momento que iam ver quem estava apto a realizar a prova oral. Era essa prova que derrubava o aluno, tínhamos muito medo. Estudávamos de Março a Novembro, próximo do final do mês era feito a seleção e a nota mínima era 5,0, não existia recuperação, se tirasse 4,9, já ficava reprovado. Quem aplicava as provas eram professores de outra escola, achavam terrível essa maneira de avaliar, pois as provas para o exame final vinham todas formuladas de Belém, durante os bimestres eram formulados pela professora titular.

Acredito que naquela época o aluno aprendia mais que agora, o professor lia com o aluno, não se ver mais nada disso hoje, já tem vídeo, internet, tá tudo digital, moderno, não resta dúvida que há avanço, usam a calculadora para fazer os cálculos, éramos forçados a aprender e aprendíamos mesmos.

Questão 4: Na sua perspectiva de quem já foi aluna, secretária vice diretora e professora e pela história da educação do município de Cametá e do baixo Tocantins, como acha que foi a contribuição do grupo escolar Dom Romualdo de Seixas para essa região?

Influenciou demais, foi fundamental para a comunidade cametaense, por ser o primeiro, não tinha outra alternativa a maioria do povo teve



sua formação até o 5º Ano nesse grupo, depois seguiam carreira, hoje a maioria dos nossos médicos, advogados tiveram sua base no grupo Dom Romualdo de Seixas, depois iam para Instituto Nossa senhora Auxiliadora continuar seus estudos, ele tem uma importância relevante na sua história. As professoras eram muito Caxias, mas respeitadas por todos.

Questionada sobre o que achava do ensino de antigamente com o de hoje, respondeu que não tem nem comparação, acha que o ensino de antigamente era muito melhor, pois os alunos aprendiam mesmo, os professores não brincavam com o ensino, achava que os professores eram muito mais interessados.

Relatou sobre a contribuição que deu ao Grupo como secretária, vice diretora e como professora, ficou muito sentida quando soube que ia fechar para criar uma escola de formação para professores e pesquisa foi convidada para o bota fora de despedida, mas não conseguiu chegar até lá, para não ver a história do Seixas ser enterrada, por ter vivido sua vida trabalhando lá.

A partir dos diálogos com os professores, encontramos algumas falas recorrentes que tratam: da preocupação com a caligrafia, com o aprendizado repetitivo e com as avaliações. Também é recorrente, em um determinado período, a confecção de materiais didáticos pelos próprios alunos e professores. Os professores não usavam livros, mas faziam os apontamentos com os alunos.

A exigência dos professores quanto a aprendizagem dos alunos, se dava em função das cobranças do trabalho do próprio professor, além da imagem social que o professor deveria preservar, mesmo em seus espaços de convivência familiar, visto que o GEDRS era uma referência na formação sobre os conhecimentos escolares e da conduta dos alunos.

Algumas professoras se declararam exigentes, mas não se viam injustas em suas práticas. As formações feitas com os professores eram realizadas em Belém, e alguns não faziam por não terem com quem deixar seus filhos.

As práticas de avaliação do conhecimento aprendido pelos alunos era centrada em provas, mas também eram usados métodos como a sabatina que envolvia, em alguns casos, os castigos físicos com a palmatória. As provas eram enviadas de Belém, para serem aplicadas pelos professores na escola.

Na década de 1970, vinham também de Belém, os livros didáticos que deveriam ser recebidos pelos professores na secretaria de educação, gerando custos de transporte para o professor.

Os professores não sabiam informar sobre as influências dos métodos de ensino próprios da Matemática Moderna, então concluímos que não havia preocupação dos formadores, com a divulgação entre esses professores, dos princípios da Matemática Moderna, a não ser pelo rigor do processo de ensino e de avaliação dos conceitos matemáticos.

Esse estudo ainda não se vê em finalização, por ser um primeiro momento de diálogos e de compreensões das práticas dos professores do Grupo Escolar Dom Romualdo de Seixas e como trabalho preliminar, não pretende levantar conclusões profundas sobre os aspectos teórico-didáticos das práticas desses professores, mas compreendemos, porém, que esses diálogos primários são de grande importância para futuros empreendimentos de pesquisa na área da história do ensino da matemática e dos grupos escolares na Amazônia.

## Considerações Finais

A proposta deste trabalho de conclusão de curso foi trazer à luz as condições reais do trabalho docente no Grupo Escolar Dom Romualdo de Seixas (GEDRS), a partir das narrativas de alguns de seus educadores, para refletirmos sobre os encaminhamentos necessários à melhoria da qualidade do ensino dessa disciplina matemática, assim como uma mudança de atitude nas práticas dos professores, em nossos dias.

Durante o desenvolvimento da pesquisa procuramos evidenciar de que maneira os professores se utilizavam de recursos materiais, de contextualizações da realidade dos homens e mulheres do baixo Tocantins, como recursos de contextualização do ensino da matemática em sala de aula.

Com o auxílio de alguns elementos das narrativas de memórias de educadores foi possível chegar a algumas considerações. Pensando nas representações de ensino dos entrevistados, uma questão que fica bastante evidenciada é um certo saudosismo dos sujeitos da pesquisa em relação a uma escola que não existe mais.

Nossas questões de pesquisas nos conduziram a compreensões sobre as práticas dos professores e não chegamos a conclusões muito animadoras visto que, com referencia aos questionamentos: Questão 1 - Como o contexto cultural dos homens e mulheres do baixo Tocantins era utilizado nas aulas de matemática nas décadas de 1960 e 1970? Verificamos que os professores não se utilizavam de qualquer referência das práticas culturais próprias de homens e mulheres do baixo Tocantins, centrando suas atividades na compreensão de operações e valores numéricos. Essa situação, atualmente é motivadora de muitas mudanças nos processos de ensino da matemática em nossas escolas.

Sobre a questão 2- Como eram desenvolvidos os processos de ensino e aprendizagem e de avaliação nas aulas de matemática? Registramos que as práticas e ensino eram centradas no ensino repetitivo, com a realização de sabatinas e, em alguns momentos, uso de castigos físicos, com palmatórias. As avaliações eram rigorosas e nos casos de conclusões do período primário e provais de final de ano, as avaliações eram trazidas de Belém e aplicadas pelos professores no GEDRS.

A questão 3- qual o perfil dos professores de matemática que atuaram nas décadas de 1960 e 1970, no Grupo Escolas Dom Romualdo de seixas? A resposta a essa questão ainda está em conclusão, visto que nosso trabalho não teve muitas oportunidades para levantar elementos

que pudessem fazer um estudo profundo do perfil dos professores que ensinaram matemática no Grupo Escolar Dom Romualdo de Seixas, nas décadas de 1960 e 1970. Contudo, podemos perceber com as entrevistas, que os professores eram dedicados e exigentes, pois queriam que seus alunos tivessem bom rendimento nos estudos. Os professores eram vistos com grande importância pela comunidade cametaense e por isso também eram muito exigidos.

As contribuições deste trabalho centram-se na representação das falas dos professores, que contam suas histórias de práticas de ensino no Grupo Escolar Dom Romualdo de Seixas, esses diálogos são importantes fontes histórias das práticas de ensino que contribuíram com a formação de muitas gerações de estudantes e em alguns casos futuros educadores.

Esperamos, então, contribuir com as investigações sobre a história das práticas de ensino da matemática no baixo Tocantins, visando ampliar registros históricos que possam contribuir com a adoção de novas concepções sobre o ensino da matemática e novas mudanças de atitudes dos professores em sala de aula.

## Referência Bibliográfica

BARROS, Osvaldo dos S. Objetivação do Tempo nas Práticas Culturais e do Trabalho na Amazônia. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais e Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Educação. Natal, 2010.

BURIGO, E. Z. Matemática Moderna: Progresso e Democracia na Visão de Educadores Brasileiros nos anos 60. Teoria & Prática, Porto Alegre, Pannonica, v. 2, 1990, p 255-265.

COSTA, David Antônio da; VALENTE, Wagner Rodrigues (org.). Saberes matemáticos no curso primário: o que, como e por que ensinar? 1. Ed. São Paulo. Editora Livraria da Física, 2014.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. Educação Matemática: da teoria à prática. Campinas/SP. Papyrus, 1996.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1981

GARNICA, Antônio Vicente e SOUZA, L. A. Elementos da Educação Matemática. São Paulo. Cultura Acadêmica, 2012.

LAREDO, Salomão. Terra dos Romualdos, País dos Maparás: memórias da Amazônia Tocantina. Belém: Salomão Laredo Editora, 2013.

NÓVOA, António (org.) Vidas de professores. Porto, Porto Editora, 1993.

MIORIM, M. A. Introdução a História da Matemática. São Paulo, SP: Atual, 1998.

PERES, Luiz Alberto O. Peres Biografia dos Notáveis cametaenses. In: <http://luisperescameta.blogspot.com.br/p/os-notaveis.html>. 13/12/2014, às 19h30

SILVA, Clóvis Pereira da. A Matemática no Brasil: uma história de seu desenvolvimento. Curitiba. Ed. da UFPR, 1992.

VALENTE, W. R. A Matemática Moderna nas Escolas do Brasil: Um Tema Para Estudos Históricos Comparativos. Curitiba, PR. In: Revista Diálogo Educacional /PUCPR, v. 6 n. 18, 2006, p 19-34.

Sites:

GHEMAT – [http://www2.unifesp.br/centros/ghemat/paginas/about\\_ghemat.htm](http://www2.unifesp.br/centros/ghemat/paginas/about_ghemat.htm)